

O DISCURSO DA VIOLÊNCIA MASCULINA: SILÊNCIO E POLISSEMIA COMO RESISTÊNCIA

THE DISCOURSE OF MALE VIOLENCE: SILENCE AND POLYSEMY AS RESISTANCE

João Carlos CATTELAN¹

Resumo: Considerando o horizonte teórico da Análise de Discurso de linha francesa, os estudos de Michel Pêcheux (1993, 1995a, 1995b) e os conceitos de *efeito de sentido*, *implicação* e *discurso transversal*, pretendo analisar dois recortes discursivos retirados do seriado "Las Viudas de Los Jueves" ("As viúvas das quintas-feiras"), da plataforma de *streaming* Netflix. Relativos ao episódio 5, "Família Maldonado", os recortes incidem, sobremaneira, sobre os discursos de Gustavo e Carla Maldonado, quando ele, tentando justificar a agressão à esposa, permite acesso ao imaginário que paira sobre certo tipo de homem que usa a violência para impor a vontade à mulher e fazê-la se tornar o espelho desejado. Carla, já que não tem como confrontá-lo no plano físico, vale-se do silêncio para construir a resistência, a separação e a contradição frente à ideologia machista e misógina. Para a análise, valho-me também de outros autores, sobretudo de Bourdieu (1999 e 2011).

Palavras-chave: Discurso. Violência. Machismo. Silêncio. Resistência.

¹ Docente da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jcc.cattelan@gmail.com

Abstract: Considering the theoretical framework from French Discourse Analysis, the studies by Michel Pêcheux (1993, 1995a, 1995b) and the concepts of *effect of meaning*, *implication* and *transverse discourse*, I aim to analyze two discursive excerpts taken from the series “Las Viudas de los Jueves” (“Thursday’s Widows”), from the streaming service platform Netflix. Taken from the episode 5, “The Maldonado Family”, the excerpts focus particularly on Gustavo and Carla Maldonado’s discourse, when he, in an attempt to justify the aggression towards his wife, allows us to access the imaginary that hovers over a certain type of man who uses violence as a way of imposing his will on the woman and making her become the desired mirror. Carla, unable to confront him on the physical plane, uses silence to build resistance, separation and the contradiction in the face of sexist and misogynistic ideology. For the analysis, I also use other authors, especially Bourdieu (1999 and 2011).

Keywords: Discourse. Violence. Male chauvinism. Silence. Resistance.

| Introdução

Lançada em 14/09/2023, não por acaso numa quinta-feira, a minissérie “Las Viudas de Los Jueves” (“As viúvas das quintas-feiras”), da Netflix, tem como microcosmo de ambientação o condomínio de luxo “Los Altos de Las Cascadas”. Neste espaço, destinado a famílias ricas, às quintas-feiras, os homens têm uma reunião da qual as esposas não participam, ao passo que elas se reúnem em conselho para deliberar sobre os pretendentes à aquisição de imóvel no local. Dos encontros, é possível depreender a volubilidade em que vivem, o que autoriza concluir que o condomínio, mais do que um espaço submetido à descrição desapassionada, representa as paixões que, como não poderia deixar de ser, atravessam também esses locais.

Baseada no romance homônimo de Claudia Piñeiro, escritora argentina, lançado em 2005, a minissérie tem a direção de Humberto Hinajosa Oscariz e gira em torno do cotidiano de cinco famílias: Scaglia, Andrade, de la Luna, Maldonado e Guevara. Trata-se de um seriado mexicano constituído por seis episódios: o primeiro “A verdade” e os demais com a denominação de cada família. A trama se constrói a partir do que teria acontecido antes de 26 de dezembro, quando três dos maridos aparecem mortos na piscina do condomínio.

Maverick Guevara (Mavi) é a narradora por meio da qual o espectador tem acesso aos percalços da sua família e ao que teria acontecido com as demais. Com prenúncios de sucesso financeiro, Ronnie, o marido, teria fracassado, passando a se dedicar a uma estufa de cultivo de maconha, tornando-se usuário contumaz, além de se resignar à condição de incapacitado para se reerguer e superar o insucesso. Mavi, por meio da empresa imobiliária que possui, provê a família, tendo, ainda, que cuidar da casa e de dois filhos.

No episódio 5, intitulado “Família Maldonado”, Mavi apresenta o casal formado por Gustavo e Carla, de quem se tornou amiga por ter intermediado a venda do imóvel para ele, que queria dá-lo à esposa no dia do aniversário dela. Posteriormente, Carla, enfasiada com a vida e por ter curso de *design* gráfico, trabalha na produção de material de publicidade da imobiliária, por fim também realizando vendas. A amiga passa a ser sua confidente e, com isso, Mavi acompanha em detalhes o que ocorre na vida de Carla.

É sobre este episódio que o estudo se desenvolve, tendo como objeto de análise dois recortes discursivos: um, produzido por Gustavo, e outro, que se refere a uma troca de turnos com a esposa; à frente, detalho melhor as condições de produção que cercam esses discursos. Objetivo verificar que imagem do homem agressor é construída por meio de Gustavo Maldonado e de que tipo de discurso ele aparece como suporte. Em outras palavras: o discurso que é produzido por Gustavo, embora seja enunciado por ele, com a sua voz, modulação, entonação, prosódia, timbre e tudo mais, retorna de um discurso que o antecede e que, de uma forma pouco ortodoxa e violenta, açambarca-o e pretende justificar o injustificável: a violência. Por outro lado, no que diz respeito ao Discurso de Carla, pretendo verificar quais são os mecanismos de que ela se vale para produzir resistência em relação ao marido dominador e agressivo.

Antes de passar à escritura, três alertas parecem oportunos. O primeiro se refere a deixar de lado a polifonia que, nos discursos ficcionais, amplifica e complexifica o fenômeno, pois os personagens são embaixadores de um autor que não é imune à ideologia. Ou seja: os discursos das personagens são o discurso do autor, que é o discurso de um tempo e de um espaço e produto de uma historicidade, neste caso, ainda mais complexa, porque é a adequação de um romance a uma série televisiva publicada numa plataforma de *streaming*. Apesar, porém, de serem os porta-vozes ficcionais da autora argentina e do diretor do seriado e serem reproduzidos por Mavi, a análise dos discursos é feita como sendo de primeira mão e se deixa levar pela ilusão do sujeito fonte ou origem, uma vez que a leitura (e *mutatis mutandis* a produção discursiva), para Chartier (1999, p. 91), “não cria a dispersão ao infinito, (pois) as experiências individuais são *sempre* inscritas no interior de modelos e normas compartilhadas”, e é “cercada por limitações derivadas (de) capacidades, convenções e *hábitos*” (p. 77)².

O segundo é relativo a este estudo se inserir num projeto de investigação, cuja observação incide sobre o funcionamento dos conectivos (conjunções, operadores ou recursos coesivos: depende do ponto de vista teórico que os analisa) sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso, o que abre três objetivos para a tessitura do artigo: um, relativo ao uso dos conectivos no discurso de Maldonado, sobretudo os aditivos (a questão é a que título são agenciados?); outro, referente à imagem de homem e à causalidade apresentada para justificar a violência contra a esposa (a questão é em que

2 Adotou-se como estratégia não repetir o nome do autor e o ano da publicação numa citação que vem a seguir de outra relativa à mesma obra que a antecede. Neste caso, apenas se cita o número da página.

Gustavo se sustenta para se eximir da responsabilidade sobre a agressão?); e, por fim, o terceiro relativo ao discurso de resistência de Carla (a questão é como ela a produz?).

O terceiro alerta diz respeito à chamada de atenção para o fato de que este estudo não tem como foco central a violência contra a mulher, embora seja ela que provoca o discurso de Maldonado e dê acesso, pois, à causalidade alegada para o ato de agressão contra Carla. Sobre a violência contra a mulher, há inúmeros estudos, o que não ocorre com relação às “justificativas” a que o agressor recorre para se desculpar. É por esta razão que, ao lado de Michel Pêcheux, considera-se, sobretudo, as formulações de Pierre Bourdieu, que permitem compreender de modo enfático a constituição machista e androcêntrica em que algumas sociedades se acham mergulhadas.

1. Um pouco de aporte teórico

A partir dos preceitos da Análise de Discurso de linha francesa, sobretudo de postulados de Michel Pêcheux, mobilizam-se os conceitos desenvolvidos pelo filósofo francês de *efeito de sentido*, *pré-construído*, *implicação* e *discurso transversal*, pois permitem aceder a como as vozes que constituem o discurso de Maldonado representam “a” justificativa para agredir a esposa e a que título ele atribui a atitude agressiva que redundou em ataque físico e ferimentos, para o que concorre o agenciamento de conectivos que encadeiam o discurso, constituindo uma trama em que o sujeito se revela e denuncia a si e à ideologia que o interpela. Por outro lado, busca-se verificar em que consiste a resistência que se revela no discurso de Carla e que a leva a abandonar o marido, agindo, portanto, em dissonância com a ideologia que o ancora.

Contra a perspectiva de que o sentido dos recursos linguísticos resulta “de um ajuste entre uma ‘significação’ e a ‘realidade’ que lhe ‘corresponde’” (p. 69) ou de uma relação literal, biunívoca e transparente entre o significante e o significado; de que o homem é um “*animal ecológico* que organiza seu meio etiquetando-o com a ajuda de significações” (p. 71) e de que a “gênese da significação (acontece) no interior da relação de co-naturalidade do organismo e seu *Umwelt*” (p. 71), Pêcheux (1995a) postula a equivocidade e a opacidade do sentido e afirma que ele é cambiante e não está colado aos ingredientes da linguagem.

Em oposição à biunivocidade e à transparência da linguagem, o autor pleiteia a equivocidade, o que significa que os elementos linguísticos não têm um sentido, mas vários; a opacidade, dado que, fora das condições de produção, um recurso da linguagem está potencialmente aberto para mais de uma significação; e a historicidade, pois o sentido não é o mesmo para todo sempre. Seja o caso dado pelo autor: o termo “touceira” pode remeter ao animal, ao alienado político, ao trabalhador do metrô ou a alguém limitado cognitivamente, dentre outros, por referência ao campo de uso em que ele ocorre. Sob esta perspectiva, o filósofo contrapõe a equivocidade à biunivocidade, a opacidade à transparência e a historicidade à naturalidade. No limite, trata-se do pleito de que os ingredientes da linguagem adquirem efeitos de sentido em relação com o uso

e não têm, portanto, um sentido, mas vários. Trata-se, pois, de verificar como a violência masculina contra a mulher é concebida e justificada no caso em pauta.

É por meio da tese psicanalítica de que “não há *gênese do significante*” (p. 73), ou seja, que “a relação significante-significado resulta de uma propriedade da cadeia significante que produz, pelo jogo de uma necessária polissemia, os ‘pontos de ancoragem’ pelos quais ela se fixa no significado” (p. 73), que Pêcheux postula que o discurso não tece uma relação do significante com o referente, mas constitui uma referência em relação ao objeto discursivo, ou seja, àquilo de que se fala, já que é construído discursivamente e não tem uma existência independente que resista à representação simbólica e à historicidade.

O postulado do filósofo estabelece, portanto, uma contraposição entre o *sentido* e o *efeito de sentido*, entendendo a este como a “possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada” (1995b, p. 164), o que significa que os ingredientes linguísticos não têm sentido e podem vir a ter qualquer um, pois, como materialidade submetida a processos discursivos, estão abertos para a significação. Ou seja: é por meio de cadeias discursivas submetidas a condições de produção que a linguagem, como campo do simbólico, permite produzir objetos discursivos sob a forma de referências.

Para tornar mais precisa a concepção de *efeito de sentido*, é possível retomar a noção de “*efeito metafórico*” elaborada por Pêcheux na AAD-69 (1993, p. 96). Por meio dela, o autor defende que os recursos da linguagem autorizam (ou não) a substituição de um pelo outro, “sem mudar a interpretação” (p. 94) em três casos: sempre, nunca e às vezes. O terceiro caso interessa ao filósofo e a ele atribui a designação referida, afirmando que ela remete “ao fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual (e) que esse ‘deslizamento’ de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (p. 96). Dessa maneira, um ingrediente linguístico não tem um sentido próprio, sendo o seu efeito detectável por meio da substituição que autoriza numa condição de produção e numa formação discursiva determinada.

A título de ilustração, o momento atual permite observar casos que podem ser considerados, já que estão abertos à equivocidade e são traduzidos de maneiras distintas dependendo do discurso de quem os empregue: ‘democracia’, ‘liberdade de expressão’, ‘ditadura’, ‘revolução’, ‘vacina’, ‘forma da terra’, ‘STF’, ‘TSE’, ‘rachadinha’ e ‘venda de joias’, dentre tantos, mostram uma disputa sobre o sentido e a forma “adequada” de colar os significantes e as cadeias discursivas que os transformam num efeito *a* ou *b* e determinam as possibilidades de substituição, só então logrando a sedimentação e a estabilidade relativas.

Considerando o efeito de sentido como possibilidade de substituição entre recursos linguísticos sob condições, Pêcheux (1995b, p. 164) postula que ela pode ocorrer de duas maneiras: “a da equivalência – ou possibilidade de substituição simétrica –, tal que

dois elementos substituíveis A e B ‘possuam o mesmo sentido’ na formação discursiva considerada”, o que remete ao conceito de *efeito metafórico* desenvolvido acima e/ou da *paráfrase* (conceito relevante na teoria do autor), e “a da *implicação* – ou possibilidade de substituição orientada –, tal que a relação de substituição A (por) B não seja a mesma que a relação de substituição B (por) A”.

Em relação à primeira forma, o autor apresenta o caso de “triângulo com ângulo reto”, que é substituível de modo não-orientado por “triângulo retângulo”, sendo que ambos “só podem ser sintagmatizados, por uma meta-relação de identidade” (p. 164). À luz da definição de efeito de sentido, pode-se concluir que há uma substituição de equivalência não-orientada quando, na cadeia sintagmática, um segmento for intercambiável pelo outro sem que a interpretação se altere; no limite, tem-se aqui o que se poderia designar como “sinonimização discursiva”, uma vez que a substituíbilidade exige a garantia da formação discursiva que referenda a troca.

Pode-se testar o pleito de Pêcheux com Jesus Cristo, Cristo, o Filho de Deus, o Redentor, o Messias, o Salvador, o Crucificado, o que morreu na cruz para nos salvar, o Nascido em Belém, o Nazareno. Para uma formação discursiva religiosa cristã católica, estas designações são intercambiáveis de modo indiferente, a não ser sob a restrição daquilo que um ingrediente acresce ao outro, uma vez que, por exemplo, o Salvador e o Crucificado não são exatamente sinônimos, mas suportam a operação de troca nesse processo discursivo. Para um ortodoxo, ou budista, ou islâmico, ou hinduísta ou de uma religião de matriz africana, a intercambialidade entre as designações listadas possivelmente não seria aceita.

No que diz respeito à segunda forma, de “substituição orientada” por meio de “implicação”, o caso trazido por Pêcheux trata da articulação entre “passagem de uma corrente elétrica/deflexão do galvanômetro” (p. 165), em que os dois segmentos não possuem uma relação de identidade ou de efeito metafórico, impedindo a troca “aleatória”. Entre eles, ocorre uma relação de causa e consequência, e não de simetria, tendo como resultado ou “A passagem de uma corrente elétrica *determina* a deflexão do galvanômetro” ou “A deflexão do galvanômetro *indica* a passagem de uma corrente elétrica” (p. 165), pois a ordem dos segmentos impõe que outra forma verbal aponte a relação de dependência entre eles, já que o que acontece é uma relação de implicação e não de substituição simétrica como no primeiro caso.

Sobre a *implicação*, ou substituição orientada, pode-se retomar o caso de Jesus Cristo, dado que, se, para um discurso, um enunciado como “Cristo é o filho de Deus” é aceitável, para outro, pode aparecer como negação (“Cristo não é filho de Deus”) ou receber uma propriedade “imprevista”, como “Cristo é uma ilusão”. Pêcheux (p. 98) comenta o caso “‘Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu’, em que o discurso do ateísmo militante nega, na proposição em seu todo, a existência daquele mesmo que ele pressupõe como existente na subordinada”; nele, a articulação se ancora numa relação de implicação sob a injunção de uma perspectiva discursiva que dita o encadeamento,

definindo os ingredientes linguísticos que permitem a manutenção e a imposição de um acordo específico: eis o *discurso transverso*. Para o discurso católico o “nunca” do discurso ateu é inaceitável.

Para Pêcheux, a linearização de deflexão do galvanômetro e de passagem de corrente elétrica ocorre com “determina” ou com “indica” porque “tudo se passa como se uma sequência Sy viesse atravessar perpendicularmente a sequência Sx que contém os substituíveis, unindo-os por um encadeamento necessário” (p. 165). Ou seja: dada a necessidade de sintagmatização de dois constituintes menores, o encadeamento não pode ser feito à revelia, devendo ser realizado de acordo com o que discurso transverso determina sob pena de o discurso ser considerado anômalo em termos da “semântica” discursiva que guia a tessitura verbal. Como não se pode afirmar que “a passagem de uma corrente elétrica *indica* a deflexão do galvanômetro”, não se pode afirmar que “a deflexão do galvanômetro *determina* a passagem de uma corrente elétrica”, uma vez que, “*nos processos transversos (ocorrem) (afrontamentos a propósito da ordem e do encadeamento entre enunciados, proposições e teoremas)*” (p. 270).

Embora o conceito de *discurso transverso* pareça se aplicar a enunciados isolados, ele se aplica a construções verbais maiores, como o discurso de Gustavo Maldonado, que é articulado em sequências encadeadas orientadas por implicação sob o domínio de uma formação discursiva. Em aula sobre conectivos conclusivos, o aluno, devendo produzir um caso, afirmou “Estamos no final do ano, portanto devemos estudar”; todos riram. O riso não foi motivado, a rigor, pelos segmentos constituintes de cada “oração”, mas em face do discurso transverso que orienta a articulação entre eles, a saber: “estuda-se apenas no final do ano”. Esta deve ser a razão para o filósofo francês afirmar “que o interdiscurso *enquanto discurso transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*” (p. 167), também no que se refere a unidades maiores do que sequências discursivas isoladas, para o que os conectivos são cruciais.

2. Sobre a família Maldonado

Com base nos conceitos de *efeito de sentido*, *implicação* e *discurso transverso*, desenvolve-se, a seguir, a análise dos dois recortes discursivos da minissérie “Las Viudas de Los Jueves”, da Netflix, que incidem sobre a agressão de Gustavo à esposa, Carla. O objetivo é, por meio do discurso dele, desentranhar a imagem do agressor construída pelo seriado/romance. Pretende-se, com isso, trazer apontamentos sobre o que cerca este tipo de evento, que tem em Gustavo a metonímia de um conjunto de homens que querem que o mundo seja o seu espelho e atenda à sua necessidade egocêntrica de realização. Busca-se verificar, ainda, em que consiste a troca de turnos seguintes, em que se constata a resistência de Carla por meio do silêncio.

Assumindo que o seriado constrói um efeito de cientificidade sobre o homem violento e tem em Gustavo o representante ficcional da autora do romance e do diretor da série

(da sociedade e da ideologia que os constitui, por consequência), tematiza-se o seu discurso com o intuito de se aproximar do seu modo de ser e, por decorrência, do homem assumido pelo seriado como seu semelhante, pois, conforme Foucault (2013, p. 142), “se quisermos fazer o estudo [...] dos efeitos da exploração, com o que teremos de lidar? Onde é que vamos vê-la traduzir-se? Nos discursos, entendidos em sentido amplo”. Dá-se por estabelecido que Gustavo é portador de um discurso posto sob derrisão, pois, ao invés de defender que seja o porta-voz do ponto de vista do autor, ele é aquele que deve ser desacreditado e rechaçado quanto às “suas” convicções.

Há alguns fatos a serem considerados como alicerce para a análise. Para o aniversário de Carla, Gustavo compra uma mansão no condomínio sem pedir a opinião dela, o que se aplica também ao mobiliário. Além disso, ao voltar do trabalho, ele leva as refeições para casa para evitar que ela tenha razões para sair. A vida social de Carla se resume às reuniões das quintas-feiras ou quando está com o marido e Gustavo a faz se vestir de forma a parecer a mais atraente. Ela não pode trabalhar, deve usar as roupas de que ele goste e tem que cuidar do corpo conforme a aprovação dele. Carla, submetida aos desejos e vontades do marido, é a boneca inerte destinada ao hedonismo, satisfação e prazer. Para ele, ela possui o que poderia querer, sem perceber que está insatisfeita com a objetificação que a acomete e a faz se sentir oprimida e infeliz. A mansão, e o condomínio, são, neste sentido, conforme Foucault (2013, p. 98), a cadeia em que Gustavo, sustentado pela sua insegurança, “(se ancora na) ideia policial, nascida paralelamente à justiça, fora da justiça, em uma prática dos controles sociais ou em um sistema de trocas entre a demanda do grupo e o exercício do poder”, no seu caso, machista, androcêntrico e patriarcal.

2.1 Do primeiro recorte: ou sobre Gustavo

Carla, enfasiada, procura por Mavi e, como possui o curso de *design* gráfico, propõe trabalhar para a empresária gerando material de publicidade da imobiliária e, após, torna-se vendedora, ocupando o dia e sentindo a vida inútil dar lugar a objetivos para viver. Gustavo desconhece as atividades da esposa, mas se dá conta de que ela está leve e confiante, o que o coloca em clima de desconfiança. Incapaz de autocrítica, julga que a leveza de Carla se deve ao tratamento que recebe. Atendendo a uma venda, ela não percebe as ligações do marido e, chegando mais tarde após trabalhar o dia todo, encontra Gustavo transtornado e dominado pelo ciúme; ele a agride com um soco no olho. Carla se refugia no banheiro e, horas depois, Gustavo, à porta (aos 12:00 do episódio 5, “Família Maldonado”), produz o discurso abaixo:

– Por favor, diga algo. Estava enlouquecendo. Passei o dia te ligando. E, quando descobri que tinha mentido para mim, juro que... Não sei! Não suporto que esconda coisas de mim. Mas sei que não posso te tratar assim. Carla! Por favor, diga algo. Amor, onde cresci, não tinha nada. E não podia precisar de nada. Porque, se precisasse, estaria fodido. Juro que, quando te conheci, senti que tinha algo. Que finalmente alguém me enxergava e gostava de mim. E, desde então, sinto como se tivesse a vida que nunca pensei que poderia ter. E é tudo por tua causa. Eu te amo.

Buscando fazer Carla se manifestar, Gustavo objetiva demovê-la da resistência alegando que haveria razão plausível para a agressão. Ao silêncio da esposa, ele suplica que ela “diga algo”, o que mostra a percepção incriminadora do equívoco cometido e a necessidade de que ela, “por favor”, manifeste-se, mesmo que seja para recriminá-lo; mas o silêncio dela é ruidoso; o apaziguamento da consciência de Gustavo é negado como punição. Dado o rechaço do pedido, ele passa a, na forma de monólogo em alta voz, construir uma (auto)justificativa para a agressão. Chama a atenção que, se o silêncio da esposa e a súplica pela atenção pudessem trazer alguma possibilidade pedagógica, ela desaparece, quando, imerso em “justificativas” transversais que transferem a culpa para Carla, ele se mostra incapaz de autocrítica.

A análise do recorte selecionado deve mostrar que Gustavo, em face da violência do seu ato, sem que deva ser desculpado, pauta-se em crenças e convicções sedimentadas que “são produto das lutas simbólicas anteriores e exprimem, de forma mais ou menos transformada, o estado das relações simbólicas” (Bourdieu, 2011, p. 140) e que, no caso, autorizam o recuso à agressão física como imposição de um modo de conceber o mundo atravessado e determinado pelo peso da história sobre os comportamentos individuais. Gustavo, em que pese a recriminação que deve receber, não está distante da percepção social que o determina, sendo a manifestação metonímica da percepção ideológica que distribui sanções e recompensas. Em outros termos, um discurso prévio o atravessa e dá o ancoradouro para as pretensas justificativas.

Gustavo, dada a falta de resposta de Carla e movido pela crença de poder justificar a violência cometida, arrola supostas desculpas para a sua atitude. Sem perceber o atravessamento ideológico que o constrange, a agressão teria ocorrido por violenta emoção: “estava enlouquecendo”, por não ser atendido nas chamadas: “passei o dia te ligando”, por a esposa ter omitido a verdade: “tinha mentido para mim” e por querer saber de tudo o que se passa com ela: “não tolero que esconda coisas de mim”. Cada suposta explicação é atravessada por um discurso transversal que, conforme uma ideologia androcêntrica, machista e violenta, sustenta que os “problemas” se resolvem com castigos físicos. A imposição do acordo traria, no limite, a gratificação e a sensação do acerto do caminho. Contudo, há que se considerar, concordando com Bourdieu (2011, p. 73), que, por detrás de cada ato objetivo, há sempre “um sentido profundo, uma pulsão expressiva, biológica ou social que a alquimia da forma imposta pela necessidade social [...] tende a tornar irreconhecível”. Não se está distante do que se designa machismo estrutural; Maldonado é sintoma de uma problemática profunda da sociedade que se acostumou com o suplício e a violência, tidos como aceitáveis, quando ocorrem determinados eventos que, de modo apriorístico, determinam os desacordos e as sanções adequadas.

Para Gustavo, em que pese a percepção do seu equívoco, pautado no discurso transversal que lhe concede ingredientes amenizadores, ele poderia ser desculpado, já que estar transtornado, não ter as chamadas atendidas, terem mentido e guardarem segredo seriam razões aceitáveis para a explosão de cólera, ainda que seja contra a

esposa, a companheira das relações íntimas e pessoais. Há que se notar que os motivos apresentados, mesmo isolados, parecem dar guarida ao comportamento abusivo, mas estarem unidos entre si pelo conectivo “e” lhes confere um efeito de maior força, em face da somatória que constituem. Se, ao sabor da primazia física e da violência, cada justificativa seria razão forte o bastante para o ato impetrado, juntas, deveriam ser mais fortes para convencer Carla. Deve-se ter presente que Gustavo é porta-voz do discurso contrário ao do autor, sendo posto sob um efeito derrisório e oportunizando a crítica social da violência. O conectivo que adiciona motivos para a agressão não deixa, como ato indesejado, de somar concepções falaciosas que, buscando transferir a culpa para a vítima, denuncia os algozes e a sociedade que lhes dá guarida. Se há motivos para a crítica dos primeiros, a segunda não pode passar impune, uma vez que ela é o mar em que eles estão imersos; é dela que provém o discurso transversal, que, estatuído anteriormente, determina o discurso atual.

Porém, o discurso transversal que norteia Gustavo e poderia desculpá-lo, dado o alinhamento entre “eu te agredi, mas estava enlouquecendo, mas te liguei e você não atendeu, mas você mentiu para mim, mas você escondeu coisas de mim” falha e Carla permanece em silêncio resistente e persistente ao pedido de “Por favor, diga algo!”. Em que pesem as “justificativas” remontarem a efeitos de sentido diferentes e não serem intercambiáveis, todas estão alocadas sob a matriz discursiva de que, quando faltam argumentos, a agressão é uma saída, mesmo aplicada a pessoa íntima e do campo das relações afetivas. Cada uma é paráfrase da outra e autoriza o recurso à violência do homem contra a mulher (mas não da mulher contra o homem, por exemplo), pois lhe caberia impor o controle da casa e das posses, o que abarca a mulher. Gustavo é subjetivado por uma ideologia que dá primazia ao homem e lhe confere o direito de agir como aprouver, se a meta for manter a autoridade, permitindo-lhe “fazer ver e fazer crer, de predizer e prescrever, de dar a conhecer e de fazer reconhecer” (Bourdieu, 2011, p. 174); pior para a mulher. Não raros casos de agressão física, se não todos, ancoram-se neste mesmo princípio, que outorga a alguns o direito de agir repressivamente contra outros, com ou sem razão.

Mesmo enoveladas de forma aditiva, as “explicações” não surtem efeito e Gustavo adiciona o segmento “sei que não posso de tratar assim”, que, do ponto de vista racional, é incongruente, pois, se sabe, não agrediria e, se agrediu, não sabe. Prepondera, pois, a agressão e o discurso de Gustavo é denegatório, pois a negação não tem efeito objetivo sobre o ato. O discurso transversal que determinaria a não-agressão dada a consciência de não poder realizá-la não tem eficácia, pois a agressão dirime qualquer dúvida sobre a celeuma. No que diz respeito à atitude de Carla, contrariamente à de Gustavo, não se pode aplicar, portanto, o pleito de Althusser (2008, p. 116) de que a ideologia dominante realiza “essa façanha de ‘levar na conversa’ as coisas e as pessoas por si sós”. Carla resiste e o seu silêncio contradiz a eloquência do marido.

Se Gustavo “sabe” que não pode, mas agride, a justificativa aponta o descontrole passional em face da inconsistência e da fragilidade da concepção que baliza o seu

ato. A incapacidade de reprimir a raiva infundada denuncia a perspectiva de a imagem de homem ter sido atacada, ferindo-o em sua virilidade, ou, nos termos de Bourdieu (1999, p. 86), “essa espécie de esforço desesperado, e bastante patético, mesmo em sua triunfal inconsciência, que todo homem tem que fazer para estar à altura de sua ideia infantil de homem”. Geralmente, à mulher é atribuída a emotividade, a passionalidade e o descontrole comportamental e o homem seria racional e comedido. Não é este o pêndulo problematizado aqui, pois, em eventos limítrofes como este, é o contrário que acontece e é o homem que se mostra irracional e infenso à contradição. E, no bojo do distanciamento crítico em relação a Gustavo, é preciso perceber a derrisão autoral sobre a sociedade que funda e formata uma imagem de homem, fornecendo-lhe primados ideológicos, que, transversalmente, vão orientar e determinar a tessitura discursiva resultante.

As justificativas e a denegação não afastam Carla da resistência pelo silêncio; ela não acredita que quem a agrediu a torna responsável pela agressão, como se tivesse o direito de ser o tribunal que acusa, julga e condena, fazendo-o à revelia, pois a mentira acusatória de Gustavo é fruto da sua imaginação insegura. Gustavo desmorona e a imagem que Carla fazia desanda. O silêncio dela é prenúncio de que não haverá redenção. Além de dominador, possessivo e vítima de ciúme doentio, Gustavo é aquele que agride, sem direito à defesa e se baseando na supremacia da força física. Entre o que “sabe” que não deve agredir e o que é definido pela ideologia androcêntrica, a segunda se impõe e é contra ela, e ao marido, que Carla se levanta: sem ruído. Como afirma Orlandi (1993, p. 23), “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significativo”.

Como as “causas” não convencem, Gustavo rememora a vida anterior, como carência, “onde cresci, não tinha nada”, falta de apoio, “não podia precisar de nada”, e ausência de orientação, “se precisasse, estaria fodido”. Sem aceitar o erro, o atribui à infância e à adolescência, tempo de abandono, solidão e luta pessoal. Mas nem o motivo melodramático convence. Este é o momento em que o silêncio de ambos é saída, pois nada há que justifique o injustificável. Digno de nota é que as condições vividas que Gustavo lista para a agressividade, do seu ponto de vista, justificam o comportamento; mas ele não percebe que estas condições são o ingrediente causal de por que a saída para um problema que não havia foi se fechar para o diálogo dissonante e recorrer ao castigo físico, evitando contemplar o silêncio como “possibilidade para o sujeito trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita [...] o deslocamento” (Orlandi, 1993, p. 23).

Incapaz de admitir o equívoco, Gustavo muda o curso da autodefesa, buscando se sustentar no discurso transversal de que, ao conhecer Carla, o mundo teria se tornado o desejável, acabando o tempo de privação e carência afetiva. Com o reforço aditivo, afirma: “senti que tinha algo”, “alguém me enxergava”, “gostava de mim” e “a vida que nunca pensei que poderia ter”. Não se trata da construção de um mundo em parceria com Carla, mas daquele construído por ele, androcentricamente, à revelia dela. Os recursos linguísticos

“me”, “de mim” e, sobretudo, as flexões verbais de primeira pessoa mostram a apreensão egocêntrica de Gustavo e, nela, Carla é uma posse, que deve estar à disposição, sendo submissa à sua vontade, reedição de discursos patriarcais, cujo vértice é o homem. E não se trata de desculpar ou justificar a agressão. Ainda aqui Carla é culpada por levá-lo a crer que o “enxergava” e “gostava” dele”. Gustavo não rompe o círculo da culpabilização de Carla, de autojustificativa para o ato e do discurso transversal que outorga a agressão, somando razões para o que sabe que é imperdoável. Em outras palavras, o mundo deve se dobrar à sua vontade, pois o mundo androcêntrico prepondera.

Gustavo fecha o “arrazoado” com um enunciado bifurcado, que, mesmo em direções distintas, não rompem a circularidade; ao contrário, coroam as “justificativas” apresentadas: “E é tudo por sua causa”. Com o uso do “e” aditivo, que aumenta a suposta eficácia de autojustificação, reitera a culpabilização de Carla e a imagem positiva de si. O enunciado, por um lado, como fechamento do primeiro lance de defesa, produz o efeito de que Carla é a causadora da agressão sofrida; por outro, Carla seria a razão para a busca das condições materiais no condomínio. Incapaz de autocrítica, o egocentrismo de Gustavo (e da ideologia que o determina) o leva a tratar de si sob o pêndulo positivo e de Carla sob o pêndulo demeritório da mulher, que, como Eva, teria provocado a dor que aflige os homens. Parece possível, pois, ouvir ecos, inclusive do discurso religioso, no enunciado de Maldonado.

Dado o suporte ideológico da primazia masculina e da violência como coação, a autocrítica e a assunção de culpa são inconcebíveis, haja vista que equivaleriam à perda de autoridade sobre o espaço destinado ao homem. E vem o arremate final: “eu te amo”; fórmula pronta que pode ser tudo e nada, ela deve ser lida mais como negação do que afirmação, em face do evento. Ainda que só porque Gustavo deve justificar o ato, o pleito de Bourdieu (1999, p. 18) de que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”, deve ser relativizado às suas condições, pois Carla permanece em silêncio; e nada haveria a dizer. Ela é, contra a ideologia dominante, mesmo que em silêncio, o que permite afirmar que “*existe resistência; (e) se há resistência, é porque há luta*” (Althusser, 2022, p. 125). Gustavo não é mais do que a pretensão de dominação por parte do homem ao sabor de uma ideologia entranhada sob diversas formas, sendo Carla a contradição que invalida a argumentação que ele apresenta, mesmo que ela venha construída em conjunto somatório.

À guisa de arremate, duas considerações podem ser feitas: uma, relativa ao discurso transversal que orienta o percurso “argumentativo” de Gustavo; outra, referente ao discurso de Carla (ou à ausência dele). No primeiro caso, em Gustavo, percebe-se a materialização de premissas prévias que retornam e dão um ancoradouro que, à luz de outra historicidade, perderam a eficácia em termos de desculpabilização, mas produziram como resultado a agressão, comprometendo de vez a relação afetiva de que ele parecia gostar. No segundo, a mera possibilidade de a resposta solicitada não ser dada, o que em outros momentos não seria possível, aponta para o trabalho que

o silêncio realiza ao escrutinar o discurso do outro, atuando no sentido de gregarizar outras formas de compreensão e, com isso, tecer outros mundos e valores, pois, como postula Orlandi (1993, p. 23), o silêncio não é “o abismo dos sentidos”.

2.2 Do segundo recorte: ou sobre Carla

O segundo recorte usado para a escritura deste artigo ocorre no episódio da Família Maldonado, entre 32:30 e 34:00. Nele, Carla reaparece com um hematoma no olho esquerdo, produto da agressão, e a interação com Gustavo acontece como aparece transcrita a seguir:

- Carla. Como a mulher mais linda do planeta está?
- Não o deixará entrar?
- Amor, é um cachorro. Ele fica melhor no jardim. Ouça... Conversei com meus sócios e pedi uns dias de folga. Que tal fugir por uns dias? A praia que quiser, aonde você escolher. Só nós dois.
- É uma boa. Tenho que esperar isso sarar, não é?
- Amor, não me castigue, por favor. Vai fazer que me sinta um monstro.
- Estou falando sério.
- Eu entendo. Acho que até o começo do ano já deve estar bem. Ano novo, vida nova. O quê? Está combinado? Ano novo, vida nova?
- Ano novo, vida nova.
- Te vejo hoje à noite, certo? Não saia, trarei algo para jantar. Eu te amo.

Chama a atenção Gustavo se dirigir a Carla como se a agressão estivesse superada ou nem sequer tivesse ocorrido, em contradição com a situação, o que aponta para a insensibilidade dele e para a naturalização da agressão, como se tivesse o direito de realizá-la e fosse possível passar uma borracha no episódio. É grandiloquente a imersão de Gustavo nos “esquemas inconscientes de percepção e de apreciação (das) estruturas históricas da ordem masculina” (Bourdieu, 1999, p. 13), quando, ao invés de tematizar a agressão e se desculpar, por exemplo, dirige a atenção para a dimensão que preza e é uma forma de objetificação de Carla: “a *mulher* mais *linda* do mundo” (grifo próprio); nem esposa, nem parceira, nem companheira; nada que pareça partilha; apenas ‘mulher’, objeto de hedonismo sensual e sexual. Nem alguém com desejos e afetos; é apenas ‘linda’, objeto de contemplação e que prova o sucesso de Gustavo como homem. Nada mudou e o discurso transversal que ampara as implicações efetuadas por Carla corroem a imagem do marido. Em que pese a agressão, Gustavo continua orientado pela ordem androcêntrica do mundo, em que a mulher é objeto de admiração e realização hedonista e se destina apenas à comprovação do sucesso masculino.

Não respondendo ao elogio, cujo silêncio é um sinal de resistência a que Gustavo é surdo, e deslocando a atenção para o filhote de cão que tinha comprado, cuja presença

externa à casa é indicativo da não-realização afetiva e desejante de Carla, ela pergunta por que Gustavo prendeu o animal fora de casa, tendo a resposta que o *pet* ficaria “melhor no jardim”. É preciso retomar o que se passou entre Mavi e Carla, quando esta disse que queria ter um bichinho de estimação e Mavi sugeriu que comprasse um cão e, se Gustavo não desse atenção a ele, também não seria adequado para a paternidade. A resposta dele sobre o animal não poder entrar em casa ratifica a previsão e é mais um ingrediente para o demérito de Gustavo, que seria incapaz de se dedicar a um filho ou a alguém que não a si. A rejeição do animal comprova a incapacidade de empatia de Gustavo também em relação a Carla, que se vê despojada da possibilidade de fazer escolhas e gerir a própria vida. Ele nada aprendeu com o episódio e continua preso à ordem inscrita no inconsciente que, conforme Bourdieu (1999, p. 7), se perpetua, “apesar de tudo tão facilmente, e (permite) que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais”.

Deslocando a atenção para a proposta de viagem, Gustavo afirma que combinou com os sócios ter “uns dias de folga” e que poderiam “fugir por uns dias”; de novo, sem ela opinar, é ele quem decide como, quando e onde, sem sair da formatação machista e autoritária que o determina. Se, por um lado, a proposta parece tentadora e pretende remendar o estrago, por outro, há duas questões que indiciam que nada mudou. Gustavo não quer ir para um lugar qualquer; deve ser uma praia, qualquer uma, o que permite inferir a vontade de expor publicamente a mulher e garantir a autoafirmação como homem viril. Além disso, deveriam ser apenas eles dois, sem ninguém que comprometa a atenção integral de Carla. Gustavo continua determinando o que deve acontecer. Carla ainda é um troféu de exibição. A escolha que ela pode fazer fica reduzida à escolha dele. Considerando o pleito de Bourdieu (1999, p. 44) sobre situações análogas, pode-se afirmar que Gustavo, seus assemelhados e o machismo patriarcal estão imersos numa “lógica que é a de *maldição*, no sentido profundo de uma *self-fulfilling prophecy* pessimista, que provoca a sua própria verificação e faz acontecer o que prognostica”.

Ensimesmado na inconsciência pautada no machismo, Gustavo não percebe o acento irônico que marca a resposta “é uma boa” e só acusa o golpe, quando Carla afirma que tem que esperar o hematoma sumir, signo inapagável da agressão, do desacerto e da sustentação ideológica. A resposta mostra que ele percebe o equívoco que cometeu, mas, ao mesmo tempo, o quanto não possui de maturidade para reconhecer o erro, pedir perdão e aceitar alguma punição. Embora tenha agredido a esposa, pede que ela não o castigue, como se a acusação dela fosse semelhante ou mais violenta do que o soco que desferiu. Incapaz de perceber a espessura da violência e com um misto de covardia e arrogância, a ordem em que se encontra aquele que castiga não admite que o castigo retorne, ainda mais em compensação e retorno de uma agressão infundada.

Contudo o segmento que explicita o mundo autocentrado em que Gustavo está mergulhado é “Vai fazer com que me sinta um monstro”, como se já não fosse em face da agressão. Ele só seria ‘monstro’ em face da acusação e não da atitude que teve; ele não é um monstro a não ser que Carla atente para o delito. O machismo que o sustenta

justifica o ato agressivo e a frustração resultante da acusação transfere a culpa para a vítima. Sem capacidade de autocrítica, com base na ordem dominante, se se sente um monstro, é por culpa dela, que gerou eventos insuportáveis e se mostra incapaz de aceitar o fardo do descontrole emocional de Gustavo, representante ideológico do homem autorizado a usar a força para impor a vontade e que não deve aceitar punição em retorno. Ainda que a culpa pareça pesar mais do que um soco, nenhum aprendizado ocorre e a teia androcêntrica dos juízos masculinos se mantém intacta. Nenhum efeito surgindo pelo mal que causa, o mal-estar viria da acusação e não da tomada de consciência; nem sequer se cogita a possibilidade de a violência não ser alternativa.

Também digna de nota é a naturalidade com que Gustavo se reporta ao ferimento, dizendo que “até o começo do ano já deve estar bem”, o que permite inferir que, depois que o hematoma desaparecer, a vida em público seria possível. Trata-se de evitar que o público saiba da agressão, vivendo a aparência de nada ter acontecido; eliminado o estigma, não haveria consequências. Eis a dupla forma da covardia machista: antes, por provocar o problema, valendo-se da primazia física, e, depois, por não o assumir, atribuindo a culpa à vítima, agravado por a violência ocorrer contra a pessoa de maior intimidade, o que não significa que seria justificável se o caso fosse outro. Gustavo, ancorado no androcentrismo machista, não tem empatia. A ideologia o capturou de forma tão eficaz que a sua “virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (Bourdieu, 1999, p. 65).

Assumindo de forma autoritária que Carla aceitou a proposta, Gustavo dita a possibilidade de “ano novo, vida nova”, porque o olho estaria curado e o estigma da agressão teria sumido. Com as perguntas, ele impõe que Carla dê a resposta que ele deseja e é incapaz de perceber o silêncio e os implícitos que se desenham ante o discurso prolixo que profere. Carla é lacônica, mas ele é incapaz de perceber o que se passa, ensimesmado no mundo submetido aos seus desígnios, o que o impede de perceber que “ano novo, vida nova”, em Carla, gera outra implicação, pois se ancora em efeitos orientados por outro discurso transversal. Para ele, significa superação e retorno; para ela, separação e abandono: outro caminho. O discurso de Carla é atravessado pelo de Mavi que lhe disse: “quem agride uma vez agride duas”.

Se alguma dúvida pairasse sobre a agressão trazer chance de redenção para Gustavo, o último enunciado liquida a apreciação benevolente, porque é a demonstração de que ele é o de sempre. Ordenando a Carla que “não saia” e que trará “algo para jantar”, Gustavo reafirma a existência sem sentido de Carla e mostra que a vida dela será uma cadeia; além disso, indo a público, ela exibiria as marcas da truculência, que ele não tem hombridade para assumir. Ele está tomado pela ideologia machista, patriarcal e androcêntrica. Para Carla, é o tempo do ano novo e da vida nova, não mais sob as injunções do marido. Gustavo reduziu a cinzas o castelo que construiu em plena surdez, cujo meio de imposição foi a agressão. O “eu te amo” nada mais é do que um sopro em direção ao nada a que Gustavo reduziu o amor de Carla, pautado na inconsciência da ideologia dominante e das injunções que o conduziram para a rejeição.

É relevante refletir sobre o trajeto que Carla percorre entre o silêncio logo após a agressão e o discurso lacônico no reencontro. Como afirma Orlandi (1993, p. 50), “A intervenção do silêncio faz aparecer a falta de simetria entre os interlocutores” e Carla, agredida, recorre ao silêncio, não porque não tenha o que dizer, mas porque nada há mais a dizer. O sentido evanesceu e as respostas já não podem ser as mesmas. Trata-se de perscrutar o silêncio e fazê-lo trabalhar, já que nele “sentido e sujeito se movem largamente” (p. 29). Contra a força do silenciamento retumbante da retórica machista e patriarcal, da opressão, Carla, em silêncio e laconicamente, conduz-se pela “retórica do oprimido (a da resistência)” (p. 31) e abandona o marido. O silêncio, com a pedagogia que o constitui, mostrou que o percurso trilhado até então não mais satisfazia e era tempo de buscar outro “projeto de sedimentação do sentido” (p. 29). O mundo misógino de Gustavo o conduziu ao abandono e à solidão.

| Considerações finais

Com os conceitos de *discurso transversal* e *implicação* e dois recortes do romance/seriado *Las Viudas de los Jueves*, produziram-se apontamentos sobre as injunções ideológicas, entendidas por Althusser (2022, p. 90) como “um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”, que assombram, sobremaneira, o discurso de Gustavo Maldonado, pautado numa perspectiva androcêntrica, machista e patriarcal, agravada pelo fato de recorrer à agressão física contra a esposa. Também foi crucial observar o funcionamento do conectivo aditivo, do ponto de vista discursivo, como forma de reforço das “teses” apontadas por ele, sem sucesso, para justificar o ato impetrado.

Cumprido lembrar que, apesar da polifonia que cerca os dois recortes, as vozes de Gustavo e de Carla foram consideradas como de primeira mão, ou interação face a face. Como obra ficcional, o romance/seriado mescla a voz do autor e dos personagens, todos estando, além disso, imersos num tempo, espaço, história e ideologia. Dessa maneira, a voz que chega ao leitor, como porta-voz do projeto de sentido autoral, deve ser pensada em sua complexidade e em relação ao discurso que carrega, que tanto pode se fazer para ser rechaçada (é o caso de Gustavo), quanto sancionada positivamente (é o caso de Carla).

Gustavo é o representante de um modo de *dominação*, do homem sobre a mulher, que se ancora na primazia do masculino e no controle do homem sobre a vida doméstica e as relações pessoais e afetivas que ocorrem nele. Pretendendo impor o “seu” ponto de vista androcêntrico e coagir a esposa a se submeter aos seus desígnios, o discurso “dele”, como mostrado, acha-se imerso num conjunto de discursos transversais, que, para Bourdieu (2011, p. 49), “achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, se apresentam com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural”; tida como se fosse. Contudo, Gustavo e “sua” atitude machista são o mote para a resistência de Carla (e do autor).

Carla, por seu turno, é o discurso da *resistência* que se contrapõe ao mundo androcêntrico. Com silêncios lacunares, implícitos precisos e subentendidos sagazes, faz ver que a relação com Gustavo terminou e que não se submeterá à preponderância física e agressiva do marido. Contra a verborragia dele e com enunciados lacônicos, ela diz só o necessário e o fato de não carecer de conectivos para amarrar um todo maior demonstram a objetividade resolutiva do discurso e a decisão tomada e definitiva. Carla é, pois, a proposta da autora argentina de que as mulheres não se submetam à coerção e à violência masculina.

Contudo, em que pese o alento do romance e do seriado no que tange à denúncia da dominação de determinados gustavos e à resistência de determinadas carlas, o terreno discursivo parece se circunscrever aos casos particulares de violência e agressão contra a mulher, como se fossem devidos à constituição subjetiva de determinados homens e não tributária de constrições outras que, alicerçadas na história, aceitam a misoginia e a primazia masculina. Sob esta perspectiva, bastaria punir os gustavos, sem se perceber que eles são a consequência de uma formação social que os antecipa e determina. Se não se pode condescender com os gustavos, não se pode apagar, por outro lado, o terreno ideológico machista, patriarcal e androcêntrico constituído. Como afirma Bourdieu (1999, p. 100), “é preciso *reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização*, ou, se preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina”, que não é conjuntural, mas estrutural.

| Agradecimentos

Estudo desenvolvido com financiamento da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA).

| Referências

ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Tradução G. J. de Freitas Teixeira e Intr. J. Bidet. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. Tradução W. J. Evangelista e M. L. Viveiros de Castro e Intr. J. A. Guilhaon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução M. H. Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução F. Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução R. C. Corrêa de Moraes. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução E. Jardim e R. Machado. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

HERBERT, T. (PÊCHEUX, M.). Observações para uma teoria das ideologias. Tradução C. M. R. Zuccolillo, E. P. Orlandi e J. H. Nunes. *Rua*, Campinas, v. 1. p. 63-89, 1995a.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Org. F. Gadet; T. Hak; Tradução B. S. Mariani *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução E. P. Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995b.

Como citar este trabalho:

CATTELAN, João Carlos. O discurso da violência masculina: silêncio e polissemia como resistência. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 36-53, jul. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v18i1.19963>.